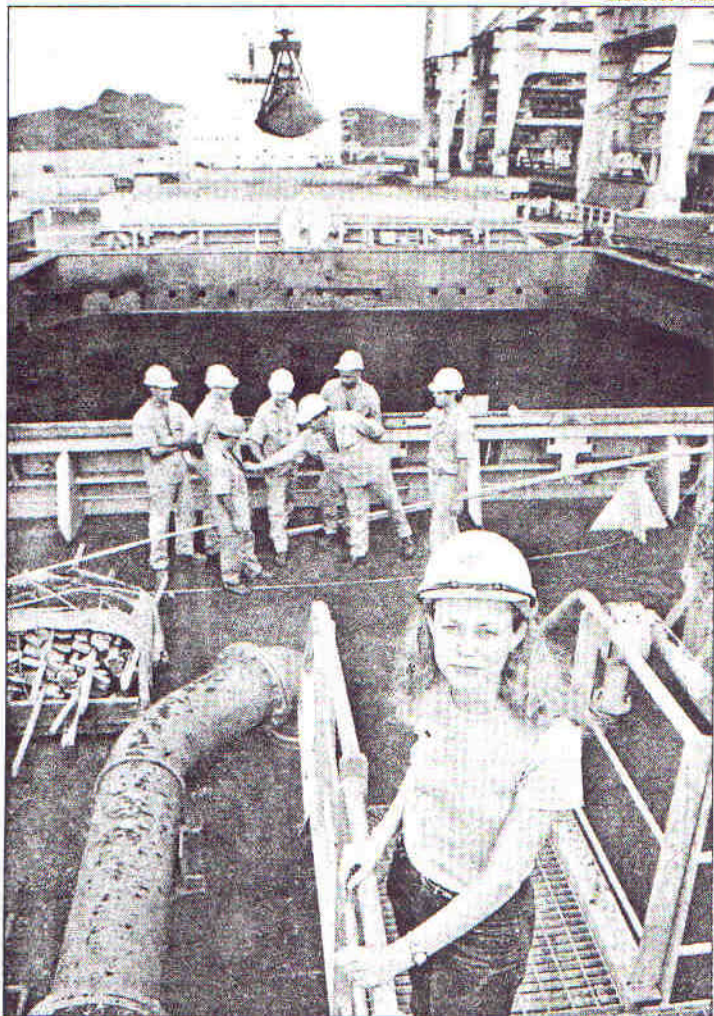


No Dia Internacional da Mulher, brasileira que trabalha não tem muito a comemorar

Peso mais alto na renda familiar contrasta com desemprego maior e salário menor

Gabriel de Paiva



FABRÍCIA PORTO, da CSN: seis anos de profissão e salário igual ao do marido

Flávia Oliveira

• Restam hectares e mais hectares a serem ocupados pelas mulheres no terreno do mercado de trabalho brasileiro. O desemprego, por exemplo, é maior que o dos homens: 8,5% contra 7,1%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O salário médio, muito menor: R\$ 415 contra R\$ 647 por mês. Mas desde o início dos anos 80, não houve na área trabalhista mudança mais importante que a expansão da mão-de-obra feminina, que amanhã comemora o Dia Internacional da Mulher. Prova disso é que o peso do salário das mulheres na renda familiar dobrou desde 1982, revela o economista Marcelo Neri, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Esposas de 45 a 50 anos detêm 17,5% da renda familiar

Neri usou a Pesquisa Mensal de Emprego, do IBGE, para acompanhar, por uma década e meia, a trajetória profissional de diferentes gerações de mulheres. Descobriu, por exemplo, que em 1982 as casadas com idade entre 20 e 25 anos contribuíam com 12,77% da renda familiar. Em 1997, essas mesmas mulheres (já com idade entre 35 e 40 anos) respondiam por 20,65% do orçamento. Outro dado: passou de 13,13% para 17,5% a participação na renda das esposas que tinham de 30 a

35 anos em 82 e hoje têm de 45 a 50 anos de idade.

A economista Shyrlene Ramos de Souza, que há 11 anos elabora a PME, confirma a revolução feminina como profissional e personagem. No Departamento de Emprego e Rendimento do IBGE, ela é uma das 36 mulheres (oito chefes) que trabalham com 24 homens (quatro chefes). Shyrlene responde por metade da renda de sua família, mas cita os salários mais baixos como o grande obstáculo a ser enfrentado pelas mulheres neste fim de século.

CSN emprega 450 mulheres na usina de Volta Redonda

A engenheira Fabrícia Porto já deixou para trás essa barreira. Ganha o mesmo que o marido, como supervisora de Planejamento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A siderúrgica, aliás, há dois anos não tinha banheiro feminino na unidade industrial de Volta Redonda, mas hoje emprega 450 mulheres na usina. Fabrícia, aos 26 anos, seis de profissão, enfrenta o desafio de trabalhar entre homens, acompanhando cargas no Porto de Sepetiba.

— Tenho o cuidado de não ser vista como uma pessoa frágil. Moro sozinha desde os 21 anos. Quando casei, foi meu marido que se mudou para minha casa — diz Fabrícia, uma mulher para quem o dia de amanhã tem gosto de vitória. ■